

FATORES BIOPSIKOSSOCIAIS ASSOCIADOS À DEPRESSÃO NA TERCEIRA IDADE

Kalyanne Mayara Luna Alves ¹
Mayara do Nascimento Tavares ²
Renatha Alydja Arruda Fernandes de Lima ³
Vitória Kelly Mendes Vieira Neri ⁴
Larissa Nogueira de Siqueira Barbosa ⁵

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional aumentou a carga de doenças na população, especialmente no que se refere às doenças psiquiátricas, em particular a depressão.

Nóbrega et al (2015) descreve a depressão como um distúrbio da área afetiva ou do humor, com natureza multifatorial envolvendo aspectos biológicos, psicológicos e sociais, caracterizando-se por seu importante impacto funcional e tendo como principais sintomas o humor deprimido e a perda de interesse ou prazer em atividades diárias.

A depressão merece especial atenção, por apresentar prevalência crescente na sociedade gerando consequências negativas para a qualidade de vida, principalmente na população envelhecida (TESTON; CARREIRA; MARCON, 2014).

Nos idosos, a depressão pode provocar uma redução da capacidade de experimentar prazer nas atividades cotidianas em geral, diminuição do interesse por ambientes, pessoas ou alimentos que antes do desenvolvimento do transtorno eram agradáveis, além de perda da autonomia e agravamento de quadros patológicos preexistentes, sendo esta, a consequência responsável por um maior risco de desenvolvimento de morbidades, maior procura pelos serviços de saúde, alto índice de suicídio entre idosos, bem como elevados números de mortalidade (PORTO, 1999).

Em indivíduos na terceira idade, o transtorno depressivo encontra-se entre as doenças crônicas mais frequentes e que podem elevar potencialmente a probabilidade de desenvolvimento de incapacidade funcional, distanciamento social e empecilho na adesão ao tratamento de doenças já existentes, além de problemas familiares em decorrência de tal patologia. Tais fatos somam-se e à diminuição da qualidade de vida em decorrência da perda do autocuidado e de interesses em atividades cotidianas, aos custos financeiros, e à alta taxa de utilização de serviços de saúde. Dentre os fatores biopsicossociais que se associam ao desenvolvimento de transtornos depressivos em indivíduos na terceira idade, destacam-se o abandono desse público pela família, os idosos que vivem institucionalizados, que são viúvos ou moram sozinho, incluindo os idosos que possuem um significativo número de morbidades.

Nessa perspectiva, objetiva-se com este estudo, destacar os principais fatores biopsicossociais associados ao desenvolvimento da depressão em indivíduos na terceira idade, valorizando as formas de investigação desta patologia.

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Unifacisa - PB, kaly.luna.alves@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Enfermagem da Unifacisa - PB, maynascimentoals@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Enfermagem da Unifacisa - PB, renathaalydjaa@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Enfermagem da Unifacisa - PB, vitoriakelly1616@gmail.com;

⁵ Enfermeira Mestre em Gestão Hospitalar e Saúde Pública pela FURNE - PB, larissansb2@gmail.com;

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura realizada por meio de um levantamento bibliográfico elaborado durante o mês de maio de 2019 nas bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), e BVS tendo em vista que estes dispõem de artigos, revistas e pesquisas sobre o tema abordado, tendo como seleção os artigos científicos disponíveis na íntegra, em língua portuguesa, tomando como critérios de inclusão a) artigos publicados no período de 1999 a 2019 b) disponíveis em texto completo de forma gratuita c) estudos que abordavam a temática específica para a população idosa. Para seleção dos artigos utilizou-se os descritores Idoso, Depressão e Fatores de risco. Nesta fase, foi realizada leitura exploratória, sendo desconsiderados os textos que não atendessem aos critérios de inclusão do estudo e não abordassem o tema proposto. Após análise, totalizou-se 11 artigos para avaliação.

DESENVOLVIMENTO

O envelhecimento humano caracteriza-se como uma transformação funcional e estrutural do organismo que tem como consequência a diminuição da vitalidade do corpo alterando seus aspectos físicos, cognitivos e comportamentais (ASSUNÇÃO; XAVIER, 2017).

Há décadas constata-se o crescimento da população idosa, particularmente nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. O aumento dessa população está diretamente associado a uma elevada prevalência de doenças crônico-degenerativas, podendo-se destacar aquelas que comprometem significativamente o funcionamento do sistema nervoso central, como os transtornos psiquiátricos, que são um dos problemas de saúde mais comuns entre idosos, sobretudo a depressão.

De acordo com Freitas (2018), a fragilidade da população envelhecida corresponde a um estado de vulnerabilidade relacionada a um aumento dos riscos de exposições que levam a comorbidades e deficiências. Também compreendida como um estado dinâmico que afeta o indivíduo, e há a consequência de perdas no funcionamento do domínio físico, psicológico e social, por influência de diversos fatores, podendo aumentar o risco para resultados adversos.

O Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição (DSM-5) define os transtornos depressivos em geral como uma condição de saúde mental e multideterminada caracterizado por um humor triste, vazio ou irritável acompanhando alterações somáticas e cognitivas que afetam a capacidade de funcionamento do idoso de forma significativa, além de apresentar os sintomas de alteração do apetite, do sono, anedonia, letargia, sentimento de culpa e baixa autoestima, dificuldade de concentração, agitação e ideação suicida. Nóbrega et al (2015) descreve a depressão como um distúrbio da área afetiva ou do humor, com natureza multifatorial envolvendo aspectos biológicos, psicológicos e sociais, caracterizando-se por seu importante impacto funcional e tendo como principais sintomas o humor deprimido e a perda de interesse ou prazer em atividades diárias.

A depressão é problema de saúde pública e acomete, com maior frequência, a população idosa, e, muitas vezes, os casos não são devidamente diagnosticados. É importante considerar o contexto de vida sob a perspectiva histórica do idoso, pois as reações emocionais atuais podem estar diretamente relacionadas às vivências acumuladas no decorrer de toda a sua existência (TESTON; CARREIRA; MARCON, 2014, p.453).

Estima-se que 15% dos idosos no mundo apresentam algum sintoma depressivo (SILVA et al., 2012 apud REYNOLDS et al., 1999). Nos idosos, os sintomas depressivos são

caracterizados por aspectos clínicos específicos que se diferenciam quando comparados aos sintomas apresentados por indivíduos de outras faixas etárias, e geralmente há problemas clínicos e sociais simultâneos assim como a associação de manifestações comportamentais, motivacionais e somáticas.

O transtorno depressivo na terceira idade geralmente manifesta-se por meio de queixas físicas frequentes que se associam a doenças clínicas gerais, especialmente aquelas que conferem ao idoso um sofrimento prolongado, levando-o à dependência física e à perda da autonomia, e podendo resultar em hospitalização ou institucionalização. Em contrapartida, a depressão nesses indivíduos contribui para agravamento das enfermidades clínicas gerais e eleva a consideravelmente a taxa de mortalidade. A depressão somada à doença clínica geral exercem influência bilateral na evolução clínica do paciente (STELLA et al., 2002).

Visto que a depressão é uma doença psiquiátrica multifatorial, os fatores de risco que abrangem os aspectos biológicos, psicológicos e sociais associados à ocorrência da depressão na terceira idade incluem ter histórico familiar de desenvolvimento da depressão, viver sozinho ou ser um idoso institucionalizado, abandono, ser portador de doenças físicas crônicas. A ocorrência de luto familiar destacando-se a perda do cônjuge e a perda da mobilidade funcional são outros fatores fortemente associados à ocorrência de depressão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prevalência mundial de depressão em idosos institucionalizados varia de 14% a 42%. Por outro lado, no Brasil, a prevalência de transtornos depressivos nessa população varia entre 21,1% e 61,6% nas diferentes regiões do país (GUIMARÃES et al., 2018).

Ao chegar na terceira idade, geralmente há um agravamento das condições de saúde do indivíduo, bem como uma instabilidade financeira. Tais demandas, levam o idoso para mais perto de seus familiares, que nem sempre aceitam ou estão aptos à função de cuidadores, o que acarreta numa maior procura por Instituições de Longa Permanência para Idosos.

Essas instituições possuem caráter residencial e são destinadas ao domicílio coletivo de pessoas idosas, com ou sem suporte familiar, em condições de liberdade, dignidade e cidadania, oferecendo aos idosos alimentação, moradia e lazer (NÓBREGA, 2015 apud BRASIL, 2005). Grande parte destas, apresenta inadequação em sua estrutura física e falta de capacitação de recursos humanos, tornando-se insensível às potencialidades do idoso e à sua autonomia, podendo contribuir para o aumento do quadro de dependência, além do isolamento social e a falta de perspectivas para uma vida ativa e com qualidade, levando em consideração que o contexto institucional também favorece ao idoso vivenciar perdas em vários aspectos da vida.

Não obstante, verifica-se que os sinais e sintomas de depressão em idosos institucionalizados são tardiamente reconhecidos pelos profissionais de saúde, pelos próprios doentes e pelos seus cuidadores e familiares. Em lares de terceira idade, o cuidado deveria ser mais próximo e prontamente se deveria fazer um diagnóstico precoce.

Consoante a Nóbrega et al (2015), a baixa capacidade ou incapacidade funcional e limitação funcional são aspectos significativamente associados à sintomatologia depressiva. Idosos com depressão tendem a apresentar maior comprometimento físico, social e funcional, afetando sua qualidade de vida, cursando em redução ou perda da independência funcional e autonomia. Idosos deprimidos têm mais incapacidade funcional que idosos não deprimidos. A perda do manejo de atividades instrumentais e atividades da vida diária estão frequentemente associados à depressão.

Com o avançar da idade a maioria das pessoas idosas passam a participar cada vez menos de forma ativa na comunidade, o que pode suscitar sentimentos de solidão e

desvalorização, com efeitos ao nível da integração social e familiar, e ao nível da saúde física e psíquica. Idosos casados, em comparação aos idosos viúvos ou que nunca foram casados, apresentaram um menor risco de desenvolvimento de quadros depressivos. Em concordância com estudos de Teixeira (2010), indivíduos na terceira idade com um cônjuge manifestam menos sentimentos de solidão. Além disso, esse mesmo grupo avalia de forma mais positiva o ambiente e o apoio das redes sociais, e apresenta níveis mais elevados de bem-estar do que os viúvos.

Concomitantemente, enfermidades crônicas e incapacitantes constituem relevantes fatores de risco para desenvolvimento da depressão. De acordo com Assunção e Xavier (2017) esta contribuição ocorre pois além de terem uma ação direta na função cerebral do paciente, elas desencadeiam efeitos psicossociais. Desta forma a coexistência da depressão com uma doença tende a dificultar que a mesma seja percebida e tratada. Idosos com déficits visuais, por exemplo estão mais propensos a desenvolver quadros depressivos, uma vez que podem precisar alterar seu estilo de vida e sua independência funcional, requerendo mais assistência nas atividades básicas de vida diária, quando comparados com aqueles que não têm tal deficiência.

Conforme explica Nóbrega et al (2015) a associação entre doenças crônicas e sintomas depressivos é bimodal, levando em consideração que a depressão pode precipitar o surgimento de doenças crônicas ou estas podem exacerbar sintomas depressivos por meio dos efeitos diretos na função cerebral ou através de alterações psicológicas e psicossociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O próprio processo de envelhecimento acarreta alterações fisiológicas e sociais na vida dos idosos, como o declínio das aptidões físicas e a redução de energia, gerando processos de autodesvalorização, perda da motivação, isolamento social e a solidão, o que poderá levar ao desenvolvimento de um quadro depressivo.

Por meio deste estudo, foi possível observar uma relevante prevalência dos indícios depressivos entre os idosos institucionalizados é mais elevada do que entre aqueles que moram com suas famílias, assim como os viúvos e idosos com morbidades associadas devido principalmente às repercussões que as doenças crônico-degenerativas suscitam sobre a condição mental. Além disso, devido à íntima relação entre depressão e doenças clínicas gerais no idoso, a não identificação e o não tratamento da depressão contribuem para o agravamento de eventuais doenças orgânicas que acometem o paciente, aumentando a morbidade e o risco de morte.

Nessa perspectiva, é necessário ampliar o conhecimento sobre essa temática, considerando-se que a depressão pode impactar negativamente a qualidade de vida dos idosos. Cabe aos profissionais da saúde que lidam com pessoas idosas utilizar-se destes resultados no aprimoramento de suas práticas, valorizando as formas de investigação da depressão e dos possíveis fatores associados, considerando as particularidades e o contexto biopsicossocial e cultural de cada indivíduo.

Palavras-chave: Idoso, Depressão, Fatores de risco.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, T. M. de; XAVIER, V. P. P. Fatores associados e tratamentos da depressão em idosos. **Revista Amazônia Science & Health**. v. 5, n. 2, p. 47-50, 2017.

FREITAS, F. F. Q. FATORES ASSOCIADOS À FRAGILIDADE EM IDOSOS NO CONTEXTO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA. **Biblioteca Digital**. Belo Horizonte - MG, 2018.

GUIMARÃES, L. A. et al. Sintomas depressivos e fatores associados em idosos residentes em instituição de longa permanência. Cien Saude Colet. **Revista da Associação Brasileira de Saúde Coletiva**. 2018.

LEITE, V. M. M. et al. Depressão e envelhecimento: estudo nos participantes do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v.6, n. 1, 2006.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5/American Psychiatric Association. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

NÓBREGA, I. R. A. P. et al. Fatores associados à depressão em idosos institucionalizados: revisão integrativa. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 105, p. 536-550, 2015.

PORTO, J. A. D. Conceito e Diagnóstico. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 21 s. 1, 1999.

SILVA, E. R. et al. Prevalência e fatores associados à depressão entre idosos institucionalizados: subsídio ao cuidado de enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**, v.46, n.6, p.1387-93, 2012.

STELLA, F. et al. Depressão no Idoso: Diagnóstico, Tratamento e Benefícios da Atividade Física. **Nescon**. Motriz, Rio Claro, v.8, n.3, p.91-98, 2002.

TEIXEIRA, L. M. F. SOLIDÃO, DEPRESSÃO E QUALIDADE DE VIDA EM IDOSOS: UM ESTUDO AVALIATIVO EXPLORATÓRIO E IMPLEMENTAÇÃO-PILOTO DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO. MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA. **Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença**, 2010.

TESTON, E. F., CARREIRA, L., MARCON, S. S. Sintomas depressivos em idosos: comparação entre residentes em condomínio específico para idoso e na comunidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v.67, n.3 p.450-6, 2014.